

PRAÇA DOIS DE JULHO: UMA ANÁLISE ACERCA DA SUA CONFIGURAÇÃO E DA SUA SIMBOLOGIA

Larissa Pedreira Iten Figueredo Gomes¹

Márcia Maria Couto Mello²

Resumo

A Praça Dois de Julho, que detém uma simbologia destacada entre as demais praças na Cidade de Salvador, sofreu diversas alterações ao longo de sua existência, como reflexo das mudanças nos modos de viver, os quais interferiram diretamente sobre a maneira com que as pessoas se apropriaram daquele espaço. Através de pesquisas bibliográficas, iconográficas e documentais, o espaço foi analisado sob uma esfera plural para que se compreendessem as transformações ocorridas na sua configuração e na sua simbologia, desde que foi idealizada até os dias atuais.

Palavras-chave: Praça Dois de Julho; Configuração; Simbologia.

Abstract

Dois de Julho square, which holds a prominent symbology among the other squares in the city of Salvador, has undergone several changes throughout its existence, as a result of the changes in ways of living, which directly interfere on the way people appropriate that space. Through bibliographical, iconographic and documental research, the space was analyzed under a plural view in order to understand the changes occurred in its configuration and its symbology, since it was conceived until today.

Keywords: Dois de Julho Square; Configuration; Symbology.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é parte integrante dos estudos desenvolvidos pelo Programa de Iniciação Científica, com o apoio do CNPq, junto ao Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (NEPAUR) da Universidade Salvador – UNIFACS.

O objetivo aqui proposto é esboçar alguns paralelos entre as modificações da configuração espacial e as mudanças dos costumes que se refletiram sobre as formas de se apropriar do espaço que compreende a atual Praça Dois de Julho, antes denominada Parque Duque de Caxias, mas desde sempre conhecida como Campo Grande, observadas ao longo da sua existência, desde seu surgimento até os dias atuais.

Levantamentos feitos a partir de fontes bibliográficas, iconográficas e documentais, evidenciaram que, desde que foi projetado, o Campo Grande atraiu a atenção de historiadores e fotógrafos, mas, sobretudo, de jornalistas, que registraram aquele espaço em vários momentos e sob propósitos diferenciados, enaltecendo imagens glamourosas e decadentes da

¹Designer de Moda e aluna do 7º semestre no Curso de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Salvador (UNIFACS). Bolsista do Projeto em Iniciação Científica, através do Núcleo de Ensino, Extensão e Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo (NEPAUR/CNPq). E-mail: larissa.iten.gomes@gmail.com

²Doutora e Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFBA). Professora Pesquisadora do NEPAUR da Universidade Salvador – UNIFACS/Laureate International Universities. E-mail: mellomarcia@uol.com.br

praça, as quais induziram a criação de uma relação estreita dos soteropolitanos com aquele espaço público, enquanto atingiam o *imaginarium* dos leitores de forma generalizada.

Assim, foi possível analisar como um micro-território afeta o cotidiano dos seus usuários, ao mesmo tempo em que é afetado pelas mudanças dos aspectos culturais, sociais, econômicos e políticos, ao longo do tempo. Entre valores simbólicos e funções plurais, o Campo Grande é um produto da coletividade, e, através dele, a sociabilidade se estabelece enquanto a História da Cidade fica preservada na memória dos seus frequentadores e visitantes.

2 AS PRAÇAS: ORIGEM E DEFINIÇÕES

Entre diversos conceitos, as praças são espaços livres, de permanência, constituintes do tecido urbano que cumprem um papel importante como referencial de localização e organização nas cidades (SERPA, 2007).

Para Lamas (2004, p.100), além de “[...] um lugar intencional do encontro, da permanência, dos acontecimentos, de práticas sociais, de manifestações de vida urbana e comunitária e de prestígio, e, conseqüentemente, de funções estruturantes e arquiteturas significativas”; a praça é um elemento morfológico das cidades ocidentais distinguindo-se de outros espaços, que são “resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados – pela organização espacial e intencionalidade de desenho. [...] A praça pressupõe a vontade e o desenho de uma forma e de um programa” (LAMAS, 2004, p.102).

Definidas como *ágora* pelos gregos e como *fórum* pelos romanos, as praças compõem o desenho das cidades ocidentais, desde a Antiguidade Clássica, como espaços comuns de sociabilidade, comércio e manifestos diversos, cuja simbologia varia de acordo com os aspectos culturais, religiosos e políticos – a *ágora* era um espaço livre e aberto a manifestações, simbolizando liberdade de pensamento, expressão e a democracia; o *fórum* (fundado como símbolo de união de várias tribos estrangeiras que habitavam o entorno de Roma) era um espaço mais simples e facilmente adaptável a diversas atividades, no centro de prédios públicos, com acesso restrito, que agregava as funções de mercado, assembléia, e, ainda, disputas gladiatórias, com o objetivo de simbolizar o poder do Império Romano (PEREIRA, 2009).

Logo quando surgiram, as praças tinham formas irregulares, mas com o passar do tempo, “começaram a serem inseridas no desenho urbano como formas retangulares,

ordenadas a partir do próprio traçado viário das cidades” (VARGAS, 2001 apud PEREIRA, 2009, p. 41).

Até meados do século XVIII, as praças no formato que conhecemos restringiam-se às áreas de entorno dos palácios, portanto, quase nunca estavam inseridas no contexto urbano. Todavia, ainda naquela época, se preservavam de grandes construções espaços livres vizinhos a igrejas e catedrais, os quais eram sempre destinados ao comércio e à troca de bens e serviços, funcionando assim como verdadeiras praças populares nas vilas e cidades. Somente no século XIX, com as modificações dos modos de viver advindas da Revolução Industrial e, em paralelo ao processo de modernização das cidades, o desenho de praças compôs os cenários urbanos como um espaço comum a todos os transeuntes.

Dessa maneira, é possível analisar que desde o princípio da nossa civilização as praças configuram-se como a efetivação do que chamamos de espaço público. Espaços que foram e ainda são o reflexo das vivências atribuídas a uma cultura e têm a capacidade de representar os anseios de seus usuários.

Mas, além de um espaço de socialização, as praças também são espaços dotados de símbolos que carregam o imaginário e as vivências reais. Cernizadas por marcos arquitetônicos e/ou escultóricos, as praças são centros de referências e locais de ação, além de palcos de transformações históricas e sócio-culturais; são espaços fundamentais para a cidade e seus cidadãos (DIZERÓ, 2006).

Imbuídas de significados e significantes, as praças, segundo Font (2003), são espaços de reunião, construídos para e pela sociedade, marcos centrais da constituição de trajetos, ponto de chegada e partida, concentração e dispersão nos territórios urbanos. Além de espaços destinados aos pedestres, são palcos representativos da dimensão cultural e histórica da cidade, além de abrigar, frequentemente, o comércio formal e o informal, como as feiras populares, coloniais, de artesanato, entre outras.

Do ponto de vista estético, as praças contribuem com a construção de imagens para as cidades. Os valores estéticos e simbólicos representam a função das praças enquanto objetos referenciais e cênicos da paisagem urbana, além de exercerem importante papel na identidade de um micro-território. Segundo Corrêa (1989), as praças públicas também assumem dimensões simbólicas que variam de acordo com os diferentes grupos sociais que as frequentam.

Tradicionalmente, as praças são dotadas de mobiliários, equipamentos, ornamentos e paisagismo para propiciar o bem-estar, a sociabilidade, a recreação e a realização de eventos

com caráter diversos. São espaços inalienáveis, assim como os logradouros e os bens públicos.

Observa-se, portanto, que o uso, a apropriação e a simbologia associada aos espaços de uso comum, como as praças, se diferenciam de acordo com as crenças e os ideais expressos por uma cultura em um determinado tempo (SENNET, 2003). O mesmo também pode ser percebido de acordo com a própria configuração do espaço arquitetônico das praças que sofrem modificações no seu traçado.

3 O CAMPO GRANDE, ENTRE DIFERENTES MOMENTOS NA SUA HISTÓRIA

Entre centenas de praças importantes na cidade de Salvador, destaca-se o Campo Grande pela potencialidade que tem de expressar relações diretas entre o espaço definido pelo traçado e pela arquitetura, a história da cidade, a cultura de um povo e os modos de viver adotados pela sociedade soteropolitana, além de uma forte simbologia.

Famosa nos meios midiáticos por integrar o circuito tradicional do carnaval baiano e sediar o desfile das comemorações da Independência do Brasil, a praça que é o foco deste estudo surgiu de forma interessante. O lugar onde está localizada era originalmente dominado por sulcos definidos pela topografia, onde havia apenas uma grande depressão.

O Campo Grande foi o resultado de um aterro que nivelou a área, configurando um enorme campo livre (o que certamente lhe sugeriu o nome pelo qual é popularmente identificada), no final da década de 1830, a mando do Visconde de São Lourenço, com o objetivo de interligar o centro da cidade a outras localidades que se transformavam em bairros residenciais (SAMPAIO, 2005). Cabe citar que, paradoxalmente, o referido nivelamento favoreceu principalmente aos ingleses, proprietários dos terrenos da área, e foi executado utilizando mão-de-obra escrava, já clandestina no país naquela altura (MARTINEZ, 2000), o que contradiz vertiginosamente a simbologia que a referida praça assumiu posteriormente.

Até então, os moradores mais abastados habitavam no centro da cidade, todavia, desejavam migrar para o sul, mais especificamente para os bairros da Vitória, Graça, Barra, Canela, Centenário e São Lázaro, com o intuito de se distanciarem do centro, naquela época considerado insalubre demais para a elite. Esses novos bairros residenciais e suas outras conformidades, que começam a surgir na segunda metade do século XIX, compostos por casas com grandes recuos dispostas em terrenos maiores e mais arejados, muros e grades delimitando a rua, contrastavam com o centro barroco da cidade, onde as casas sem recuo

lateral e com paredes largas e úmidas, formavam extensos corredores, os quais determinavam o limite das ruas (MELLO, 2004).

Após duas décadas, o nivelamento foi concluído (1851, Fig. 1) e o espaço começou a ser ajardinado pelo reverendo inglês Edward Parker, cuja Igreja Anglicana e residência própria estavam localizadas naquela área. Desde então, a praça na época denominada como Parque Duque de Caxias se tornou um ponto de atração na cidade, principalmente aos sábados e domingos (PALAVIZINI, 1998).

Figura 1 - Parque Duque de Caxias, década de 1860



Fonte: Site Salvador Antiga

Um novo cenário burguês se incorporava à cidade, pontuado por um amplo espaço de uso coletivo singelamente ajardinado e rodeado por prédios com arquiteturas pomposas (PEREIRA, 2009).

Aos poucos, a praça se transformou em um palco de manifestações populares, atenuando conotação elitista com que surgiu. Na década em que foi inaugurado como um parque era crescente na população o desejo e o sentimento de necessidade da criação de um monumento significativo da Independência da Bahia, vitória conquistada pelo povo baiano no dia 2 de julho de 1823. Uma comissão, presidida por Dr. Augusto Álvares Guimarães, encontrou naquele espaço o local ideal para instalar um monumento que simbolizasse a luta do povo e preservasse a história e a cultura local.

Assim sendo, em 1895, o Campo Grande, que pode ser visualizado na imagem fotográfica que ilustra o cartão-postal da Figura 2, foi reconfigurado com uma nova simbologia, quando passou a ser domínio de toda a cidade, reunindo em um só local a burguesia e o povo (MARTINEZ, 2000). Tornou-se o principal ponto de articulação entre o centro da cidade e os novos bairros ostensivos daquela época, assumindo uma ressignificação

através da inserção de elementos estéticos de adorno e novos equipamentos influenciados pela *Belle Époque*.

Figura 2 - Parque Duque de Caxias / Praça Dous de Julho, cartão-postal, 1895



Fonte: Acervo: Instituto Feminino da Bahia.

Ao centro da praça foi erguido um monumento com grandes peças em uma coluna de estética grega em bronze sobre o pedestal em mármore de Carrara. Tem no topo a estátua de um índio, armado de arco e flecha (simbolizando o povo brasileiro na atitude de golpear a serpente, aludida ao domínio português). Todavia, é curioso perceber que o monumento reverenciando os heróis nacionais se expressa através dos códigos da simbologia positivista e uma estética neoclássica, só para estar de acordo com o afrancesamento que direcionava a estética daquela época (MELLO, 2004).

Inclusive, cabe comentar que, naquele momento, o país havia passado por grandes transformações sociais e políticas com a Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889); quando o pensamento coletivo estava sendo revisto sob o viés da liberdade, da igualdade e da fraternidade, e, esse mesmo mote da Revolução Francesa aparece transcrito no monumento central do Campo Grande, confirmando a ideia de que seguíamos aquele paradigma (MELLO, 2004). Porém, o que importa é que a praça adquiriu um papel fundamental para a história da cidade. O local tornou-se subitamente uma “referência simbólica marcante para os habitantes da cidade e visitantes interessados em sua história” (PALAVIZINI, 1998, p. 54).

Conforme se observa nas fotografias que ilustram os cartões-postais da década de 1930 (Figura 3), ao espaço também foi adicionado um novo formato de jardim – com

espécies diversas de plantas e árvores –, disposto em canteiros definidos, de acordo com a moda impressa no modelo dos parques europeus do século XIX. Percebem-se também postes de iluminação, além de vários elementos inseridos, como coreto de ferro fundido no estilo *art-nouveau*, pérgula, pequenas estátuas de efígies gregas, adornos, bancos, pontículas, fontes e chafarizes em grandes espelhos d'água. A presença de tais elementos também confirma a moda de consumir a *Arquitetura do Ferro* europeia, como símbolo de inserção da Cidade de Salvador no cenário das grandes e prósperas cidades do mundo (MELLO, 2004).

Figura 3 - Parque Duque de Caxias, cartão-postal, década de 1930



Fonte: Acervo Pessoal

Observa-se que se estabeleceu uma relação entre o espaço público, a sua configuração e a forma de apropriação dos seus usuários. A praça se transformou em um palco de manifestações da cultura local, tanto da elite quando da população em geral e o espaço passou a ser dotado de vida e identidade, possuindo elementos que retratam a cultura de uma época (PEREIRA, 2009).

As primeiras modificações no entorno ocorreram em 1936, com a inauguração da *Escola de Puericultura*, quando se iniciou o processo de diversificação das atividades na área. Em 1949, foi construído o *Edifício Maísa*, que encabeçou a verticalização das construções. Com o passar das décadas, a crescente especulação imobiliária estimulou a demolição dos antigos palacetes em prol de novos edifícios, o que modificou, principalmente, a relação da praça com o exterior, afinal, não era mais possível visualizar, por exemplo, o mar e as colinas adjacentes (FUNDAÇÃO MÁRIO LEAL FERREIRA, 1997).

Em paralelo à descaracterização do espaço, se desencadeou o processo de expansão da cidade, conforme as intervenções propostas pelo Escritório do Plano de Urbanismo da Cidade de Salvador (EPUCS). A Salvador emergente de meados do século XX começou a se basear no consumo e na circulação, e a cidade começou a crescer de acordo com as necessidades de moradia da classe média (SANTANA, 2006).

Até meados do século XX, o Campo Grande era o ponto de encontro de vaidades e seduções. Os modos de viver e conviver com a cidade se modificaram e as pessoas começaram a procurar um novo estilo de entretenimento. Foi perceptível a mudança de comportamento dos usuários dos espaços públicos nas grandes cidades brasileiras, que optaram por buscar o lazer em espaços semi-privados, como os *shoppings centers*. Como consequência, o Campo Grande passou a ser negligenciado pelo poder público e os mais importantes jornais da cidade de Salvador denunciaram as inquietações da população acerca da praça, refletindo, justamente, o sentimento de uma época (MELLO; GOMES, 2015).

Matérias veiculadas na imprensa local denunciaram: “Campo Grande Fica Assim” (Jornal A Tarde, 12/05/1973); “Crianças Abandonam o Campo Grande Porque Areia Sumiu” (Diário de Notícias, 06/06/1973); “Campo Grande: Um imenso jardim que ficou vazio” (Jornal da Bahia 22/07/1974); “Campo Grande Sujo e Sem Tradição” (Tribuna da Bahia, 03/11/1983); “No coração da cidade um Central Park apimentado” (Correio da Bahia, 15/08/1984); “Campo Grande, paraíso da galinagem” (Jornal da Bahia, 13 e 14/03/1988), “Praça já foi ponto nobre. Hoje é popular” (Tribuna da Bahia, 27/11/1988); “Campo Grande sofre com a falta de manutenção”; entre tantos outros registros, onde o espaço foi descrito pelo “ar melancólico, quase de abandono, do jardim sem cor” (Correio da Bahia, 02/05/1988).

Entrevistas reproduzidas nos jornais retrataram, de fato, o que a população local pensava em relação ao espaço que antes sentiam como sendo seu. Contudo, percebe-se que a praça não perdeu o seu valor simbólico de espaço de luta e movimentos populares, mas teve sua simbologia ameaçada quanto ao seu uso cotidiano, igualmente importante.

Na década de 1990, quando a sustentabilidade começou a ser discutida sob a esfera humanística, uma nova dinâmica ocupacional começou a nortear o pensamento das pessoas, que começaram a querer habitar zonas que oferecem melhor qualidade de vida, houve um movimento mais intenso por parte dos moradores do Campo Grande em relação ao desejo de uma revitalização efetiva e de uma manutenção.

Diversas reportagens evidenciaram a revolta por parte da população, que exigia melhorias, a exemplo das matérias intituladas “Campo Grande abandonado apesar de todas as

reformas” (Jornal A Tarde, 16/12/1992) e “Abandono do Campo Grande exige ação imediata da prefeitura” (Jornal A Tarde, 17/05/1992).

No ano de 1995, ocorreu o seminário “Campo Grande – a praça mais amada da Bahia” que contou com a presença de moradores e autoridades para discussão acerca da situação do Campo Grande e as propostas de melhoramentos (Jornal Correio da Bahia, 13/05/1995). Em 1997, foi desenvolvido o projeto de revitalização da praça, e, em 1999, foi criado o “Polígono da Identidade Cultural”, projeto que tem por objetivo delimitar áreas da cidade com importância histórica que viriam a ser revitalizadas e/ou reformadas, incluindo, dessa maneira, o Campo Grande, que foi efetivamente reformado em 2003.

O projeto executivo de revitalização visava retomar a atmosfera romântica e neoclássica que permeavam a praça até antes do seu abandono. Era importante retomar nos moradores a sensação de pertencimento e cuidado com o local, devolvendo-lhe a sua caracterização e o seu simbolismo que foram perdidos ao longo do tempo, numa espécie de simbiose do abandono, por parte das autoridades e por parte dos moradores.

A efetivação da revitalização ficou registrada nas matérias “Campo Grande terá romantismo de volta” (Jornal A Tarde, 09/01/2003) e “Campo Grande vai ser reinaugurado hoje” (Correio da Bahia, 13/12/2003), esta segunda, assinalando as intervenções que demoraram um ano para serem concluídas, mas que de fato foram realizadas na praça, mesclando inovações ao resgate de elementos que figuravam na constituição original da praça.

Contudo, em paralelo às ações políticas e governamentais, novos valores se firmaram na última década e, mais uma vez, em Salvador, se tornou moda habitar próximo ao Campo Grande. A rápida e crescente revalorização do solo motivou novos empreendimentos no entorno e fez com que outras intervenções acontecessem na praça, que teve a sua imagem repaginada. Os investimentos recentemente feitos no espaço trouxeram uma nova paisagem para aquela zona da cidade. Alguns até arriscam citar que “o Campo Grande preserva o charme da cidade de Salvador” (título da matéria veiculada no Correio da Bahia de 04/12/2005).

Entretanto, deve-se compreender que, desta vez, a reformatação e uma conseqüente revitalização do Campo Grande visou atender os anseios de uma sociedade que prioriza nos seus modos de viver a saúde e a beleza dos corpos. Além dos antigos elementos de decoração, observados na Figura 4, a praça foi equipada com diversos aparelhos de ginástica, como é possível perceber na Figura 5, e, ao seu design original foi acrescida uma pista de *Cooper* (Fig. 6). Assim, pode-se dizer que atualmente ela funciona como uma espécie de

academia ao ar livre, além de ser um ponto de promoção para diversos projetos de saúde e manifestos ecológicos. Em paralelo, a violência urbana característica das metrópoles brasileiras fez com que aquele espaço fosse cercado por grades em ferro galvanizado recortado com motivos tropicais, que também surge, no contexto da nova praça, como um elemento arquitetônico e estético, assinado por Carybé, um famoso artista plástico argentino, historiador da cultura baiana (MELLO; GOMES, 2015).

Figura 4 - Campo Grande hoje em dia



Fonte: Elaborada pelo autor

Figura 5 - Aparelhos de Ginástica no Campo Grande, hoje em dia.



Fonte: Elaborada pelo autor.

Figura 6 - Pista de *cooper* no Campo Grande, hoje em dia



Fonte: Elaborada pelo autor

Observa-se que após a revitalização, o espaço da praça foi reapropriado pelos seus usuários, que atualmente se preocupam com a sua manutenção. Algumas reportagens exemplificam esse zelo e a mobilização da comunidade: “Monumento no Campo Grande espera limpeza” (Jornal A Tarde, 05/06/2005); “Moradores do Campo Grande criam movimento em defesa da praça” (Correio da Bahia, 18/03/2006); “Moradores querem mais respeito e obras no Campo Grande” (Tribuna da Bahia, 18 e 19/03/2006).

A mobilização popular promoveu, no ano de 2007, a realização de serviços de conservação e manutenção, jardinagem, limpeza de esculturas e fontes luminosas, além da troca da água do lago, como mostra a reportagem “Campo Grande é entregue à população revitalizada” (Tribuna da Bahia, 2 e 3/06/2007).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível analisar, através desse estudo, as modificações que ocorreram no espaço público em questão, sempre traçando um paralelo entre a maneira com que os próprios usuários o percebem e o sentem através do tempo. Observa-se sua descaracterização, o incômodo que isso trouxe aos moradores locais, a gradual recuperação do sentimento de

posse e a preocupação com um local que simboliza o poder de luta de um povo e pertence à Cidade de Salvador.

Novos hábitos e novas formas de viver refletem na maneira como as pessoas se relacionam com os espaços, o que ficou evidente ao se historiar o Campo Grande. As praças desempenham nas cidades um importante papel como um espaço simbólico e democrático de uso comum, local de lazer e sociabilidade, um palco de expressão política e memória histórica de uma cultura ao longo da sua existência.

REFERÊNCIAS

ABANDONO do Campo Grande exige ação imediata da prefeitura. **A Tarde**, Salvador, p. 02, 17 mai. 1992.

CAMPO Grande abandonado apesar de todas as reformas. **A Tarde**, Salvador, cad. 01, p. 02, 16 dez. 1992.

CAMPO Grande é entregue à população revitalizada. **Tribuna da Bahia**, Salvador, cad. Salvador, 2 e 3 jun. 2007.

CAMPO Grande fica assim. **A Tarde**, Salvador, cad. 01, p. 02, 12 mai. 1973.

CAMPO Grande preserva o charme da cidade. **Correio da Bahia**, Salvador, cad. imóveis, p. 1, 04 dez. 2005.

CAMPO Grande sofre com a falta de manutenção. **Correio da Bahia**, Salvador, cad. 01, p. 14, 02 mai. 1988.

CAMPO Grande sujo e sem tradição. **Tribuna da Bahia**, Salvador, cad. 01, p. 05, 03 nov. 1983.

CAMPO Grande terá romantismo de volta. **A Tarde**, Salvador, p. 05, 09 jan. 2003.

CAMPO Grande, paraíso da galinhagem. **Jornal da Bahia**, Salvador, cad. 01, p. 13, 13 e 14 mar. 1988.

CAMPO Grande: Um imenso jardim que ficou vazio. **Jornal da Bahia**, Salvador, cad. 01, p. 02, 22 mai. 1974.

CORREA, Roberto Lobato. **O Espaço urbano**. Ática: São Paulo, 1989.

CRIANÇAS abandonam Campo Grande porque areia sumiu. **Diário de Notícias**, Salvador, cad. 01, p. 03, 06 jun. 1973.

DIZERÓ, JoselleDavanço. **Praça do interior paulista**: estudos de caso nas cidades de Ribeirão Preto e Monte Alto/SP. 2006. Dissertação (Mestrado em Urbanismo) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC, Campinas, 2006.

FONT, Mauro. **A praça em movimento**: processos de transformações morfológicas e funcionais no Brasil do século XX. 2003. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo. Fontes documentais e Matérias publicadas em jornais:

FUNDAÇÃO MARIO LEAL FERREIRA. **Projeto executivo de paisagismo da Praça 2 de Julho – Campo Grande**. Salvador: Spatium Arquitetura, 1997.

LAMAS, J. M. **Morfologia urbana e desenho da cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian e Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 2004.

MARTINEZ, Socorro T. **2 de julho**: a festa é história. Salvador: Fundação Gregório de Mattos, 2000.

MELLO, Márcia M. Couto. **Salvador Multimagética**: a imagem do Bairro do Comércio através de cartões-postais (1890-1950). 2004. 259 f. Dissertação (Mestrado) – Arquitetura e Urbanismo /Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia. Salvador.

MELLO, Márcia M. Couto; GOMES, Larissa P. I. Figueredo. Campo Grande: Uma praça de muitas modas. In: COLÓQUIO DE MODA, 9ª. EDIÇÃO INTERNACIONAL. 11., **Anais...** Universidade Positivo: Curitiba, 2015.

MONUMENTO no Campo Grande espera limpeza. **A tarde**, Salvador, cad. local, p. 09, 05 jun. 2005.

MORADORES do Campo Grande criam movimento em defesa da praça. **Correio da Bahia**, Salvador, col. Agita Salvador, p. 03, 18 mar. 2006.

MORADORES querem mais respeito e obras no Campo Grande. **Tribuna da Bahia**, Salvador, cad. cotidiano, p. 01, 18 e 19 mar. 2006.

NO coração da cidade um Central Park apimentado. **Correio da Bahia**, Salvador, p. 06, 15 ago. 1984.

PALAVIZINI, Roseane. **Espaço Público**: ambiente e percepção. 1998. 145 p. Dissertação (mestrado em arquitetura e urbanismo) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1998.

PEREIRA, Adslane. **Análise da qualidade ambiental urbana em praças públicas através da percepção dos seus usuários**: o caso da Praça Dois de Julho – Campo Grande Salvador – Bahia. Programa de mestrado em Engenharia Ambiental Urbana da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

PRAÇA já foi ponto nobre. Hoje é popular. **Tribuna da Bahia**, Salvador, cad. cidade, p. 16, 27 nov. 1988.

SALVADOR. Secretaria Municipal do Planejamento, Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico: Fundação Mário Leal Ferreira. **Polígono de identidade cultural**. Colaboração da Fundação Gregório de Mattos. Salvador, 1998. 49 p.

SAMPAIO, Consuelo N. **50 anos de urbanização**: Salvador da Bahia no século XIX. Rio de Janeiro: Versal, 2005.

SANTANA, Mário R. Costa. **O espaço Urbano em Construção**: As redes técnicas na cidade do Salvador no início do século XXI. 2006. 279 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) -Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006.

SEMINÁRIO debate a atual situação do Campo Grande. **Correio da Bahia**, Salvador, 13 mai. 1995.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. 3. ed. Tradução Marcos A. Reis. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.